

***Eu acabei escrevendo o artigo, de novo – um estudo sobre três construções
“sinônimas” com o verbo acabar no português do Brasil***
***Eu acabei escrevendo o artigo, de novo (I ended up writing the paper, again) –
a study on three “synonymous” constructions with the verb acabar in
Brazilian Portuguese***

Resumo: Este artigo se propõe a analisar três tipos de estruturas sintáticas com o verbo *acabar* em português do Brasil: aquelas com o verbo *acabar* seguido de oração cujo verbo está no gerúndio (*eu acabei escrevendo o artigo*); aquelas em que o mesmo verbo é seguido de preposição *por* e oração infinitiva (*eu acabei por escrever o artigo*); e aquelas em que o verbo é seguido de um CP finito (*acabou que eu escrevi o artigo*). As três estruturas veiculam um sentido próximo: um conjunto de circunstâncias ou eventos subentendidos ou mencionados no contexto culminam ou causam o evento expresso pela oração que segue o verbo *acabar*, e nas três construções o verbo *acabar* comporta-se como típico verbo de alçamento. O trabalho defende que no contexto sintático desses três tipos de complemento frasal o significado da raiz do verbo *acabar* inclua um superevento, chamemo-lo S, que reúne o conjunto de circunstâncias ou eventos referidos acima, e estabelece que tal conjunto culmina ou causa o evento (ou um estado resultante ou associado a tal evento) veiculado pela oração complemento. O texto também mostra que os diferentes complementos frasais podem estabelecer relações temporais distintas entre a culminação do superevento S e o tempo do evento expresso pela oração subordinada, e também têm propriedades sintáticas distintas, como a possibilidade ou não de topicalizações ou focalização contrastiva dentro da oração subordinada, em sua periferia esquerda.

Palavras-chave: verbos aspectuais; verbos alçamento; semântica temporal; periferia esquerda

Abstract: This article aims to analyze three types of syntactic structures with the verb *acabar* in Brazilian Portuguese: those with the verb *acabar* followed by a gerund clause (*eu acabei escrevendo o artigo*); those in which the same verb is followed by the preposition *por* and an infinitive clause (*eu acabei por escrever o artigo*); and those in which the verb is followed by a finite CP (*acabou que eu escrevi o artigo*). The three structures convey a close meaning, which includes a set of circumstances or events implied or mentioned in the context that culminates or causes the event expressed by the clause following the verb *acabar*, and in the three constructions the verb *acabar* behaves as a typical raising verb. The work argues that in the syntactic context of these three types of phrasal complement the meaning of the root of the verb *acabar* includes a superevent, let us call it S, which brings together the set of circumstances or events referred to above, and establishes that such set culminates or causes the event (or a state resulting or associated with such an event) conveyed by the complement clause. The paper also shows that the different phrasal complements can establish distinct temporal relationships between the culmination of the superevent S and the time of the event expressed by the subordinate clause, and also have distinct syntactic properties, such as the possibility of topicalization or contrastive focusing within the subordinate clause, in its left periphery.

Keywords: aspectual verbs; raising verbs; tense semantics; left periphery

1 Introdução

Neste trabalho, retomo tema de artigo anterior (XXXXX, 2018a), revendo a proposta apresentada naquela ocasião e tratando de temas em sua vizinhança e de estruturas sintática e semanticamente relacionadas. Ou seja, cuidarei, aqui, dos seguintes tipos de construção:

- (1) a. Eu acabei pintando o muro.
- b. Acabou que eu pinte o muro.
- c. Eu acabei por pintar o muro.

Em XXXXX (2018a) mostrei que sentenças como (1a), em que o verbo *acabar* toma uma oração com o verbo no gerúndio, envolvem alçamento do sujeito (DAVIES; DUBINSKY, 2004; LANDAU, 2013); o verbo *acabar*, portanto, toma um complemento frasal que inclui o sujeito sentencial (para o exemplo (1a) esse complemento seria algo como a sequência *eu pintando o muro*) e o sujeito da oração encaixada (*eu*) é alçado de dentro dela, deflagrando concordância com o verbo *acabar*. Apresentei alguns dos testes básicos que a literatura lista para justificar esta afirmação.

O objeto de estudo daquele trabalho foram estruturas como (1a), exclusivamente, e, para analisá-las, defendi que a interpretação de tais sentenças envolve um superevento S (um conjunto de eventos, circunstâncias, estados resultantes desses eventos, estados subjetivos, etc., não necessariamente dependentes uns dos outros) que tem relevância¹ para a consecução do evento veiculado pela oração gerundiva. Ou seja, aquele que emite a frase (1a) afirma que um conjunto de circunstâncias, muito frequentemente alheias à vontade do sujeito da sentença, culminou no evento de pintar o muro cujo agente é o referente do pronome *eu*².

Neste artigo, elaborarei uma análise que chamaria de “lexical” para os exemplos em (1): a ideia é que, no contexto de complementos sentenciais gerundivos, finitos, ou infinitivos encabeçados pela preposição *por*, a denotação do verbo *acabar* incluía a existência de um superevento S relevante para o evento denotado pelas orações que o complementam, e, particularmente, a existência de um subevento final desse superevento, cujo tempo terá (ou poderá ter) uma relação (direta ou indireta) com o tempo do evento denotado pelo complemento. Adotarei uma semântica de eventos (DAVIDSON, 1969; PARSONS, 1990) combinada a uma semântica composicional com funções de tempo para descrever as condições de verdade de sentenças como as listadas em (1) acima.

O artigo tem a seguinte organização. Na seção 1, tratarei basicamente das propriedades sintáticas envolvidas, o que dá algumas indicações sobre que elementos funcionais estão presentes nas orações subordinadas. Na seção 2, detalharei os significados veiculados e a

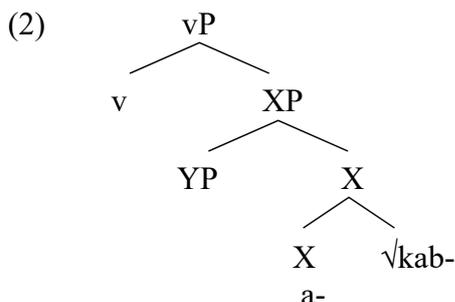
¹ Em XXXXX (2018a), argumentei que S forçava, favorecia ou até desfavorecia a consecução do evento *e* da oração encaixada. Como se verá mais adiante, reelaborarei esta proposta, assumindo que S de fato culmina (no sentido estabelecido adiante) no (ou causa o) evento *e* veiculado pela oração que é complemento do verbo *acabar*.

² Em XXXXX (2018a), o encerramento desse superevento S ocorre em algum subintervalo do evento denotado pela oração gerundiva – podendo ser o menor subintervalo inicial deste ou mesmo coincidindo com seu subintervalo final –, e essa relação temporal, combinada com o fato de que S teria uma relevância para o evento da oração encaixada, estabeleceria que o evento S “culmina” no outro evento expresso na sentença. Defendi também que o superevento S era projetado na estrutura sintática da construção sob análise: o verbo *acabar* tomaria uma espécie de *small-clause* reunindo um PRO eventivo (que toma o superevento S do contexto) e a oração gerundiva; PRO seria transparente para o alçamento do sujeito da oração gerundiva; a “ação” do verbo *acabar*, apesar de este tomar toda a SC como complemento, ocorre somente sobre o evento S referido por PRO, e faz com que o menor subevento final de S, pelo menos, esteja contido no intervalo de tempo do evento veiculado pela oração gerundiva. Questionarei boa parte dessas ideias no presente texto e proporei uma análise “lexical”, diferente da análise “sintática” de XXXXX (2018a).

maneira como as estruturas sintáticas os veiculam, composicionalmente. Na seção 3 trato brevemente da negação nas formas em (1). A seção 4 conclui o artigo.

2 Sobre o verbo *acabar* e seus complementos frasais

O verbo *acabar* é morfologicamente composto de um prefixo e uma raiz: *a-kab* (cf. XXXXX, 2019). Vou assumir, seguindo XXXXX (2019) e XXXXX (2018b), a seguinte estrutura para o verbo *acabar*, quando este se comporta como verbo de alçamento (e.g., sentença (1a)):



Na proposta, o complemento YP do verbo (cf. XXXXX, 2018b) pode ser uma oração gerundiva ou outros tipos de complemento, frasais ou não. Em XXXXX (2019) apresentei argumentos em defesa da ideia de que em sentenças como (3a) a seguir, temos um CP encabeçado pela preposição *de* seguida de uma oração infinitiva, seja na leitura de *recência*, seja na leitura *culminativa*³. O exemplo (1b) acima, repetido abaixo como (3b), claramente inclui o CP como complemento do verbo *acabar*.

- (3) a. Eu acabei de pintar o muro.
b. Acabou que eu pintei o muro.

Com efeito, considerando-se que vários tipos de constituintes podem ocupar a posição de complemento de *acabar*, uma pergunta óbvia que se coloca é que tipo de constituinte seria a oração gerundiva em (1a). Trata-se de um sintagma flexional puro, um IP, ou há um CP tomando um sintagma flexional não-finito, como o que temos em (3a)? A seguir apresento dois argumentos para defender que não há um CP expandido aqui, simplesmente um IP encabeçado pela flexão de gerúndio.

O primeiro argumento é o seguinte: topicalização e focalização de argumentos ou expressões adverbiais que estão dentro da oração gerundiva na camada CP são impedidos ou muito marginais na periferia esquerda da oração gerundiva; ou seja, não há posição para que esses constituintes aterrizem após uma operação de deslocamento à esquerda nas sentenças encaixadas. Os exemplos abaixo o ilustram:

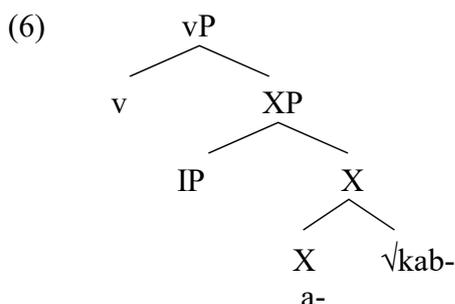
- (4) a. *Eu acabei O MURO pintando cuidadosamente, não as paredes da sala.
b. ?*Eu acabei, o muro, pintando ele cuidadosamente.
c. Eu acabei pintando o muro em duas horas.
d. ?*Eu acabei em duas horas pintando o muro.

³ Na leitura de *recência*, (3a) significa que eu recentemente pinte o muro; na leitura *culminativa*, (3a) significa que eu terminei a pintura do muro. Em XXXXX (2019) defendo que o verbo *acabar* é de alçamento na leitura de *recência*, mas não o é (pelo menos tipicamente) na leitura *culminativa*.

Note-se que, apesar de marginais em alguns casos, as construções envolvendo CPs complementos encabeçados seja por uma preposição seja pela conjunção *que* admitem topicalização de elementos intrasentenciais, como complementos. Os exemplos abaixo o mostram:

- (5) a. Eu acabei de, o muro, pintar *(ele) cuidadosamente.
 b. Acabou que, o muro, eu pinteí (ele) cuidadosamente.
 c. Acabou que O MURO eu pinteí cuidadosamente, não o rodapé.
 d. Eu acabei por, o muro, pintar *(ele) cuidadosamente⁴.

Assumindo em parte a proposta cartográfica de Rizzi (1997), parece claro que, uma vez que topicalizações e focalizações na borda das orações gerundivas em sentenças do tipo de (1a) são proibidas ou bastante degradadas, não há camada CP expandida para essas orações (ver também STOWELL, 1982, para uma posição semelhante em relação às orações gerundivas do inglês, ainda que considerando outro tipo de evidência). Isso sugere que, no caso das formas *acabar*+gerúndio, o que temos é um sintagma flexional, encabeçado pela flexão de gerúndio da oração, sendo diretamente tomado como complemento do verbo *acabar*. Assim, a estrutura do sintagma verbal envolvendo o verbo *acabar* será como a apresentada em (6) a seguir, com YP sendo substituído por um IP nucleado por um nó flexional de gerúndio:



O segundo argumento que gostaria de apresentar está relacionado ao licenciamento do sujeito em sua posição de origem. Ao contrário de estruturas em que *acabar* ocorre seguido da preposição *de* e uma oração com verbo no infinitivo impessoal, que não aceita que o sujeito da oração encaixada permaneça na sua posição de partida (na leitura de recência)⁵, a construção com *acabar* e oração gerundiva permite a permanência do sujeito subjacente da oração gerundiva na sua posição de partida, sem a obrigatoriedade de haver concordância do verbo *acabar* com esse sujeito, como os exemplos abaixo o ilustram. Uma maneira de explicar isso é propor que, enquanto a primeira construção envolve um CP (onde um dos núcleos dessa camada expandida é realizado pela preposição *de*) que, por alguma razão, bloqueia a criação de uma cadeia do tipo expletivo-associado, com transferência de Caso nominativo de um *pro* expletivo

⁴ A sentença abaixo, com focalização contrastiva de *o muro*, é degradada; mas talvez isso tenha a ver com o fato de a preposição *por* ficar adjacente a *o muro*, ou *o muro* preceder imediatamente o verbo. Se fizermos a focalização de um sintagma preposicional adjunto, julgo que a sentença melhore um pouco, como em (ii):

- (i) ??Eu acabei por O MURO pintar cuidadosamente, não a fachada da casa.
 (ii) ?Eu acabei por COM ATENÇÃO fazer as tarefas de casa, não de qualquer jeito.

⁵ Aqui, os exemplos relevantes para a discussão são os seguintes:

- (i) Eles acabaram de chegar em casa.
 (ii) ?ACABOU de eles chegarem em casa.
 (iii) ??Acabou de eles chegar em casa.

Ou seja, o licenciamento (marginal) do sujeito da oração infinitiva em sua posição de base só ocorre quando o infinitivo é pessoal (e com um acento no verbo *acabar*, que melhora substancialmente o julgamento), o que pode ser trivialmente explicado pela teoria do Caso, em qualquer de suas versões.

para o sujeito da oração gerundiva, a segunda, por não ter um CP encabeçado por uma preposição (por não envolver, de fato, um CP), não impede a formação desta cadeia e a transferência de Caso.

- (7) a. *?Acabou de eles pintar o muro.
b. Acabou eu pintando o muro.
c. Acabou eles pintando o muro.

Assim, a conclusão de que o verbo *acabar* toma um sintagma flexional como complemento, não um CP, nas construções *acabar*+gerúndio, se segue⁶.

Mas a discussão acima também nos mostra que o complemento frasal da construção quase sinônima de *acabar*+gerúndio, *acabar*+por+infinitivo, tem uma estrutura sintática subjacente distinta, com consequências interessantes na comparação com as formas envolvendo gerúndio. Tomemos o exemplo (1c) acima, repetido como (8), para ilustrar o ponto:

- (8) Eu acabei por pintar o muro.

Aqui, temos uma preposição seguida de um verbo no infinitivo. Os testes tradicionais que diferenciam controle de alçamento indicam que em (8) o sujeito é alçado do complemento frasal de *acabar*, como o é na forma que envolve a oração gerundiva: (a) o papel temático do sujeito é definido pelo predicado encabeçado pelo verbo *pintar*, não pelo verbo *acabar* (cf. (9a)); (b) o sujeito idiomático com um predicado sem o verbo *acabar* se mantém idiomático quando este verbo está presente (cf. (9b)); (c) a clivagem torna a sentença altamente degradada (cf. (9d)); entre outras coisas:

- (9) a. Eu acabei por pintar o muro./A bola acabou por rolar escada abaixo.
b. A vaca acabou por ir para o brejo./?A cobra acabou por fumar.
c. *Foi por pintar o muro que eu acabei⁷.

Apesar de haver alçamento em sentenças como (8), há, contudo, diferenças importantes entre estas e as que envolvem uma oração gerundiva, como (1a). Sentenças na forma *acabar*+por+infinitivo aceitam, ainda que marginalmente, deslocamentos de argumentos (topicalizados) e certos tipos de locuções adverbiais (focalizadas ou topicalizadas) para a periferia esquerda da oração encaixada, ao contrário do que vimos nas sentenças em (4) acima. Retomo exemplos expostos em (5) e na nota 5:

- (10) a. Eu acabei por, o muro, pintar *(ele) cuidadosamente.
b. ?Eu acabei por COM ATENÇÃO fazer as tarefas de casa, não de qualquer jeito.
c. Massimo acabou por, em poucos minutos, se transformar numa estrela do Facebook⁸.

⁶ Stowell (1982) conduz uma discussão no mesmo sentido sobre as orações gerundivas no inglês: não haveria uma camada COMP (CP) nelas. O autor mostra, entre outras coisas, que as orações gerundivas no inglês não aceitam, mesmo quando são complementos frasais, deslocamento de WH para sua periferia esquerda, ao contrário do que ocorre com as infinitivas (a não ser em contexto de verbos de alçamento ou de marcação excepcional de Caso). Ademais, como argumenta, só a camada COMP criaria condições para que orações sejam temporalmente interpretadas. Stowell então defende que as infinitivas (a não ser nos contextos mencionados acima) incluem o significado de futuro possível, enquanto as gerundivas nunca introduzem um tempo distinto do da oração matriz.

⁷ Note-se que aqui o problema não é alguma restrição à clivagem do sintagma preposicional encabeçado por *por*. Em (i) abaixo temos a mesma clivagem e a sentença é gramatical:

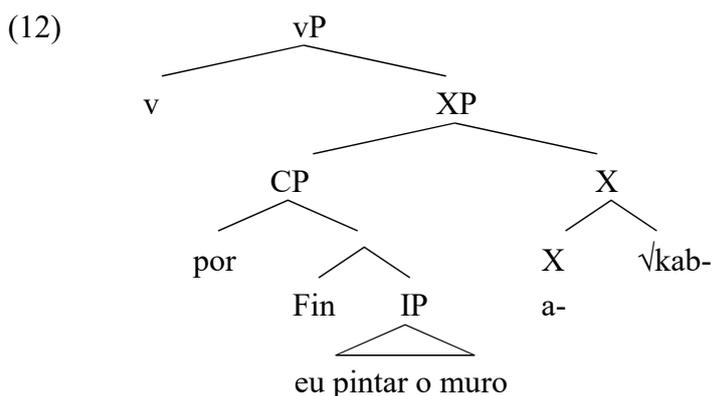
(i) Foi por ter uma casa própria que ele lutou a vida toda.

⁸ Retirado de <https://aventar.eu/page/979/?title=D&oldid=58>.

Na comparação entre as formas do tipo *acabar+por+infinitivo* e as do tipo *acabar+de+infinitivo* com leitura de recência, vemos que, como ocorre com as últimas (cf. XXXXX, 2019), as primeiras aceitam formas compostas com o auxiliar no infinitivo e o verbo principal no particípio. Comparem-se os exemplos (11a) e (11b) a seguir⁹:

- (11) a. No final, acabei por ter feito um treino de mais de 31 km^{10,11}.
 b. Eu acabei de ter pintado o muro.

A aceitabilidade de sentenças como (11a) sugere que há uma camada flexional com morfologia infinitiva que pode veicular relações temporais ou aspectuais nas orações que complementam o verbo *acabar*. Ademais, considerando que é possível o acréscimo de locuções adverbiais como “em X tempo” (cf. (10c)), que, como argumentei em outra ocasião (XXXXX, 2019), são licenciadas pela estrutura flexional das sentenças, não há como não haver uma camada flexional introduzindo relações temporais ou noções aspectuais aqui. Desse modo, defendo que a estrutura sintática das formas *acabar+por+infinitivo* seja dada por (12), com uma camada flexional infinitiva (que pode, muitíssimo marginalmente, concordar com o sujeito quando ele não é alçado; cf. notas 5 e 9). Havendo um CP encabeçado pela preposição *por*, e assumindo, como parece plausível, que este não realiza o nó Fin da estrutura de Rizzi (1997) (cf. XXXXX, 2019), explicamos as possibilidades de topicalização principalmente de advérbios dentro da oração infinitiva.



Para fechar esta seção, falemos agora brevemente das formas com o verbo *acabar* seguido de oração finita. A estrutura (13) abaixo esboça a proposta:

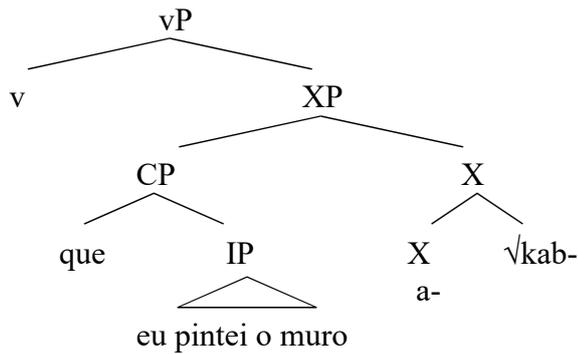
⁹ Apesar disso, ao contrário do que ocorre com as construções *acabar+de+infinitivo*, mesmo que o verbo do complemento infinitivo esteja flexionado no infinitivo pessoal, o licenciamento do sujeito na posição de base ainda é bastante degradado – posto que certamente melhor do que o seria sem a concordância. Comparem-se os exemplos a seguir:

- a. ?Acabou de eles pintarem o muro.
 b. ??Acabou por eles pintarem o muro.
 c. *Acabou por eles pintar o muro.

¹⁰ Retirado de <https://run-is-fun.blogspot.com/2010/?m=0>.

¹¹ Vale dizer que me parecem possíveis construções com gerúndio envolvendo particípio do verbo principal, ainda que elas sejam bem mais degradadas segundo meu julgamento: ??*eu acabei tendo pintado o muro*; ??*eu acabei tendo feito um treino de mais de 31 quilômetros*. Não tratarei dessas formas aqui, pois sequer sei como interpretá-las.

(13)



Aqui, temos um CP encabeçado pela conjunção *que*, que seleciona orações finitas, com tempo verbal, que será ancorado ao tempo da fala, do mesmo modo que o tempo verbal do verbo *acabar* – mais adiante discutiremos um pouco mais sobre as relações temporais possíveis nessas construções. Além disso, estas sentenças, adotando alguma versão do princípio da projeção estendido, terão como sujeito um *pro* expletivo, o que reforça a conclusão de que, de fato, *acabar*, em todas as situações dadas por (1), é um verbo cujo único argumento é um complemento (sentencial nos casos aqui estudados).

Agora é preciso haver uma discussão mais pormenorizada sobre as relações temporais estabelecidas entre os tempos associados aos eventos envolvidos nos tipos de sentença sob análise, e suas interpretações finais. A próxima seção tratará de pelo menos algumas dessas questões.

3 Significados e temas relacionados

3.1 Das formas acabar+gerúndio

Em XXXXX (2018a) apresentei argumentos para a postulação de que uma supereventualidade S está incluída na denotação das formas *acabar*+gerúndio. Intuitivamente, sentenças como (1a) afirmam que uma série de circunstâncias ou eventos culminou na pintura do muro tendo o emissor da sentença como agente dessa pintura. Ao que parece, sem um contexto que forneça ou possibilite evocar ou supor essa série (S) de circunstâncias ou eventos que forcem ou, pelo menos, favoreçam a ocorrência do evento (ou de alguma subparte sua) denotado (denotada) pela oração no gerúndio, uma sentença como (1a) não pode ser usada adequadamente. Mas como representar isto na estrutura dessas sentenças e de sentenças com um significado próximo, como (1b) e (1c)?

A ideia que vou explorar é a seguinte: constituinte X em (2), que inclui a raiz do verbo *acabar* e o seu prefixo, tem, semanticamente, a função de introduzir a supereventualidade S e seu subevento final (e uma função do tempo desse subevento final), como na formulação em (15). Podemos pensar que a estrutura X negocia, no contexto de orações gerundivas, infinitivas encabeçadas pela preposição *por* e orações finitas, tal significado. Essa supereventualidade S de algum modo culminará no evento veiculado pelo complemento do verbo *acabar*, ou, em alguns casos, culminará no estado resultante deste evento. Abaixo formulo mais explicitamente o que tenho em mente quando falo de tal supereventualidade S. Proponho que a denotação da

raiz do verbo *acabar* nos contextos sintáticos aqui analisados inclua esse S, que, como se vê na definição (14), é um evento que culmina (significado persistente do verbo *acabar*)¹².

(14) Seja S um conjunto ou cadeia de eventos, situações, circunstâncias, estados resultantes desses eventos ou estados subjetivos causados por eles, persistentes, reunidos (em muitas situações arbitrariamente) pelo falante, cadeia que ele considera que culmina em um dado evento ou estado e, um subevento desse e, o estado resultante desse e, ou em um e' não expresso mas concebido como causador (imediate ou indissociável) de e no contexto.

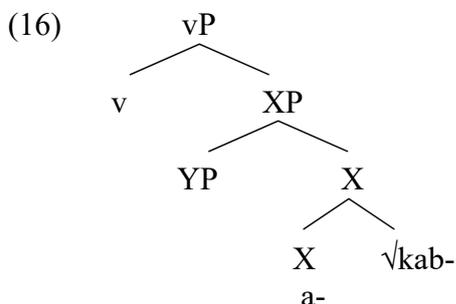
Como definição auxiliar, adotemos o seguinte:

- Um evento *e* culmina numa eventualidade *e'* se o menor subevento final de *e* é identificado com, no mínimo, um subevento de *e'*.

O evento *e* de (14) será sempre expresso pela oração (gerundiva, finita ou infinitiva) que complementa o verbo *acabar*.

A partir de (14), e considerando que estou adotando uma revisão “lexical” da análise apresentada em XXXXX (2018a), proponho que o nó X na estrutura sintática (2), repetida abaixo como (16), estabeleça que: (1) existe essa supereventualidade S definida em (14) acima; e (2) que existe a subeventualidade final *s'* desta supereventualidade S (ou seja, S será uma espécie de processo culminado). Ademais, a extensão de X será uma função de tempos que estabelecerá uma relação temporal entre o tempo da subeventualidade final *s'* e outro tempo disponibilizado pela estrutura sintática onde X estará encaixado. Em termos formais, penso no seguinte:

(15) $[[X]] = \lambda t'. \exists S. \exists s'. s' \text{ é a menor subeventualidade final de S \& } t' \text{ é o tempo de } s'$.



Veja-se que (15) estabelece que existe um subevento final de S (este definido em (14)). Ou seja, X não só introduz essa supereventualidade complexa, que envolve uma série de eventos e estados associados, mas também, preservando um tanto do significado básico do verbo *acabar* em outros contextos, diz que essa supereventualidade complexa tem um subevento final (BERTUCCI, 2011). Quando X combinar-se com a oração gerundiva, estabelecer-se-á que esse subevento final no mínimo conterà algum subevento do evento denotado pela oração gerundiva. Essa discussão ficará mais clara com o exemplo abaixo.

Tomemos o contexto a seguir, em que um rapaz conversa com um amigo sobre o fim de um relacionamento:

¹² Parece-me que o verbo *terminar* ganha acepção próxima (ou idêntica) em pelo menos dois dos contextos analisados aqui: *ele terminou pintando o muro* e *ele terminou por pintar o muro*. Uma sentença como *terminou que ele pintou o muro* parece-me degradada, ainda que não totalmente inaceitável. A leitura de recência, no entanto, de *ele terminou de pintar o muro* não é natural para mim, mesmo com algum tipo de acento ou ênfase no verbo *terminar*. Esses fatos precisam de explicação, que fica para investigação futura.

Cara, não deu mais. No último mês eu e a Patrícia brigamos tanto, mas tanto, que *eu acabei terminando com ela*.

Aqui, S incluirá o conjunto das brigas e dos estados e ações decorrentes delas: estados psicológicos do narrador, sua tomada de decisão, etc. Mas esse superevento S não é simplesmente o conjunto de brigas e estados decorrentes ou causados por elas, mas o conjunto dessas brigas e estados que supostamente têm como seu subevento final ou culminação o evento *e* expresso pelo complemento do verbo *acabar*, a oração gerundiva *terminando com ela*. Ou seja, o subevento final de S será, aqui, o evento de “terminar com ela”. É claro que estados como sentimentos causados no narrador ou eventos como outras discussões com a ex-namorada podem continuar existindo ou acontecendo depois do fim do relacionamento, mas essas eventualidades não serão mais parte do que se define como superevento S, justamente porque não mais têm como culminar em *e*, que já ocorreu.

O que quer que seja o evento S (ou, mais precisamente, seu ponto de corte, seu subevento final, sua culminação), ele deve ser localizado no tempo. Sentenças como **eu acabei terminando com ela amanhã* são agramaticais porque o evento *terminar com ela* (um evento pontual) está no passado em relação ao *speech time* – e, de alguma forma, isso parece ser expresso pela flexão de tempo carregada pelo verbo *acabar* –, o que entra em contradição com o advérbio *amanhã*. Se S fosse independente do evento denotado pela subordinada, *amanhã* poderia indicar um tempo futuro para ele, mas isso tampouco é possível. Como se verá mais adiante, minha proposta é que o gerúndio (e o infinitivo no caso de *acabar+por+infinitivo*), que codifica simultaneidade entre eventos (ou entre partes de eventos), vai servir também para estabelecer qual é o evento no qual S culmina, estabelecendo uma identidade entre o subevento final de S e o evento (ou algum subevento seu) denotado pela oração gerundiva.

Considerando a definição dada em (14) para S, (15) estabelece que o significado do verbo *acabar* – no contexto de um IP gerúndio (*e*, como veremos mais tarde, também no de um CP infinitivo, encabeçado pela preposição *por*) – afirma a existência do superevento S, de uma subeventualidade final de S, *s'*, e define uma função temporal que ligará o tempo de *s'* a outro tempo, do outro evento ou situação presentes na sentença.

A princípio, quando a oração gerundiva se combinar com X, como seu complemento frásico, teremos que o tempo do evento veiculado por esta oração conterà o tempo da eventualidade *s'*. No exemplo acima, sendo *e* (*terminar com ela*) um evento pontual, *s'* coincidirá temporalmente com *e*. O gerúndio tipicamente estabelece uma relação em que o tempo do evento do verbo que está no gerúndio contém ou coincide com outro tempo tomado como referência (tempo de outra eventualidade) ou com o *speech time*. Veja-se que no exemplo (17a) a seguir, entende-se que o evento de assoviar a Marselhesa está em andamento enquanto Pedro corre a maratona – de fato, o tempo do evento de assoviar a Marselhesa ou coincide ou contém o tempo da corrida¹³. Já em (17b), o evento denotado pelo verbo no gerúndio está em andamento no tempo em que a frase é dita.

- (17) a. Pedro correu a maratona assoviando a Marselhesa.
b. Pedro está assoviado a Marselhesa.

Mas (1a) ou o exemplo dado no contexto acima certamente não expressam só coincidências temporais, como se tivéssemos eventos distintos apenas contemporâneos: em (1a) e no exemplo dado no contexto em destaque, S culminará no evento descrito pela oração

¹³ É claro que, sob certas circunstâncias, para se obterem determinados efeitos pragmáticos, podemos considerar (17) verdadeira em situações em que em grande parte da corrida, mas não em toda ela, Pedro assoviou a Marselhesa, mas isso não chega a ser um problema para o que estou considerando como significado básico do gerúndio.

gerundiva (*pintando o muro* ou *terminando com ela*), o que significa dizer que o último subevento de S será um subevento do evento (ou o evento inteiro) descrito por essa oração. Como explicamos isso?

Observe-se o exemplo (18). Esta sentença nos permite duas interpretações: uma em que *pintar o muro* é a última das minhas tarefas e outra em que é uma atividade que ocorre ao mesmo tempo em que eu concluo ou pelo menos executo minha última tarefa (é mais ou menos simultânea à minha última tarefa), qualquer que seja ela.

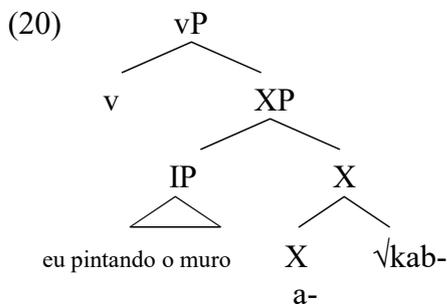
(18) Eu acabei minhas tarefas pintando o muro.

Em outros termos, na primeira leitura acima, (18) expressa a identificação do último evento da série de tarefas (a última tarefa) com o evento de *pintar o muro*. Defenderei aqui que a situação da sentença *eu acabei pintando o muro* é semelhante: sendo S um encadeamento de eventos distintos e estando o verbo pintar da oração subordinada no gerúndio, a princípio, em (1a), assim como em (18), o último subevento de S (s') ou só coincide temporalmente com ou é o próprio evento de pintar o muro ou alguma de suas fases. Mas a definição de S em (14) não deixará margem para a leitura em que a mera superposição temporal (simultaneidade) ocorre entre um subevento relevante de *pintar o muro* e s' : aqui, S culminará em pintar o muro, ou seja, o último subevento de S coincidirá com algum subevento relevante de *pintar o muro*.

Agora detalhemos um pouco mais a discussão conduzida até aqui. Tomemos o exemplo inicial, (1a), repetido abaixo como (19):

(19) Eu acabei pintando o muro.

A estrutura sintática do vP correspondente será a seguinte, antes do alçamento do sujeito.



Informalmente, (19) será verdadeira se existe uma supereventualidade S, conforme a definição (14), e um evento e de pintar o muro cujo agente sou eu e S culmina em algum subevento ou subparte de e , e pelo menos essa subparte do evento está no passado em relação ao tempo da fala (*speech time*).

É importante mostrar que nem sempre o evento S culmina no início do evento e descrito pela oração gerundiva, como se S tivesse somente “dado partida” em e . Vejamos o seguinte contexto:

Apesar de ter demorado um bocado por conta de uma série de problemas que me impediram de trabalhar sem interrupção, *acabei pintando o muro de casa* antes da festa da minha filha.

Aqui, o mais plausível é que o superevento S, que culmina na pintura, tenha-se prolongado até sua conclusão (até, talvez, a aplicação da última gota de tinta no muro), considerando os diversos fatores, aparentemente permanentes ao longo do trabalho, que concorrem com sua

conclusão. Ou seja, S culmina na culminação da pintura. Ou, ainda, por outros termos, o menor subevento final de S é ou está contido no último subevento da pintura do muro da minha casa no contexto dado. É importante ressaltar neste exemplo que, apesar de o contexto descrever uma série de eventos negativos, não são esses os que compõem S, mas, talvez, algum tipo de estado ou motivação exercida internamente sobre o narrador, ou uma constante pressão familiar para que o trabalho estivesse pronto para o aniversário da filha, ou tudo isso junto, que o levaram a terminar o trabalho. Assim, o evento S não está de fato expresso nas frases que descrevem o contexto acima, mas, considerando o conhecimento de mundo dos falantes, é concebido ou suposto.

Voltando ao exemplo (19), note-se, ademais, que a sentença também será verdadeira e pode ser perfeitamente usada numa situação em que a pintura ainda está em andamento no presente; portanto, não se afirma que todo o evento de pintar o muro está necessariamente no passado (ainda que isso possa ser verdade), mas somente uma parte dele, e justamente a parte que inclui ou coincide com o subevento final de S, que indubitavelmente está no passado. Isso é esperado, pois, como sabemos, mesmo quando usamos a forma perifrástica de progressivo *estar+gerúndio* no passado (com o verbo *estar* no passado), não afirmamos que todo o evento se encerra no passado – e, de fato, a não ser que o contexto indique o contrário, o evento denotado por um verbo no gerúndio pode ainda estar em andamento no presente (tempo da emissão da frase), como mostra o exemplo a seguir:

(21) Ele estava¹⁴ pintando o muro.

Considerando tudo que foi discutido até o momento, proponho que a denotação das orações gerundivas, no contexto do verbo *acabar* pelo menos, é a seguinte, onde t' é um tempo de referência que pode ser o de algum outro evento ou subevento sintática ou contextualmente relacionado.

(22) $[[DP\ V\text{-ndo}\ (DP)\ (PP)\ \dots]] = \lambda f_{\langle i, t \rangle} . \lambda t . \exists t' . \exists e . f(t') \ \& \ [DP\ V\ (DP)\ (PP)\ \dots](e) \ \& \ t \ \subseteq \ t$

A expressão nos diz que a extensão da oração gerundiva toma funções de tempo em valor-de-verdade como seu domínio (por isso $\lambda f_{\langle i, t \rangle}$ na expressão, onde i seria o tipo semântico dos tempos e t viria de *truth-value* – valor-de-verdade), e a definição em (15) fornecerá uma função desse tipo. Ela também afirma a existência de um evento ($\exists e$), o qual será especificado pelo predicado presente na oração (a expressão $[DP\ V\ (DP)\ (PP)\ \dots](e)$), e a existência de um tempo t' ($\exists t'$)¹⁵, que estará contido em, ou será coincidente com, o tempo (t) de alguma subparte de e . Exemplificando com a sentença em (19), temos:

¹⁴ Klein (1992) diria que o *tempo tópico* (uma espécie de tempo do testemunho do falante) está no passado e ao mesmo tempo contido no *tempo da situação* (*grosso modo*, nosso tempo do evento), que pode estender-se para o presente (*utterance time*). Observe-se que mesmo que a frase fosse *ele esteve pintando o muro*, com o verbo *estar* no pretérito perfeito, o falante não se compromete com o possível fato de que o agente da pintura não esteja pintando o muro no momento em que a frase é dita.

¹⁵ Nas situações em que temos adjunção de oração gerundiva, como em *Pedro correu a maratona assoviando a Marselhesa*, a quantificação existencial se dá certamente sobre o tempo do evento de *assoviar a Marselhesa*, não sobre o tempo do evento da oração principal. O ancoramento temporal do evento da oração adverbial ao tempo da fala se dará através do ancoramento do tempo do evento da oração principal. Em (22) e (23) estou propondo o contrário. Por quê? Algumas evidências para essa posição serão discutidas mais adiante neste texto. De todo modo, creio que uma diferença importante entre (22) e orações adverbiais gerundivas como a do exemplo desta nota me autorize a propor um arranjo como o apresentado em (22): aqui, a oração gerundiva não será adverbial, mas o complemento de um verbo aspectual de alçamento.

(23) $[[\text{eu pintando o muro}]] = \lambda f_{\langle i, t \rangle}. \lambda t. \exists t'. \exists e. f_T(t') \ \& \ [\text{eu pintar o muro}](e) \ \& \ t \text{ é o tempo de } e \text{ ou de algum subevento de } e \ \& \ t' \subseteq t.$

Ou seja, a extensão da oração gerundiva *eu pintando o muro* no contexto do verbo *acabar* inclui, entre outras coisas, uma quantificação existencial sobre um evento *e* de pintar o muro do qual eu sou o agente; uma quantificação existencial sobre um tempo que não é o de *e*; e estabelece que o tempo de pelo menos uma subparte do evento *e* contém esse outro tempo.

Fazendo aplicação funcional (HEIM; KRATZER, 1998; FERREIRA, 2019) entre os nós X e IP em (20), tomando as definições dadas em (15) e (23) respectivamente, temos o seguinte:

(24) $[[\text{eu pintando o muro}]]([[X]]) = \lambda t. \exists t'. \exists e. \exists S. \exists s'. s' \text{ é a menor subeventualidade final de } S \ \& \ t' \text{ é o tempo de } s' \ \& \ [\text{eu pintar o muro}](e) \ \& \ t \text{ é o tempo de } e \text{ ou de alguma subparte de } e \ \& \ t' \subseteq t.$

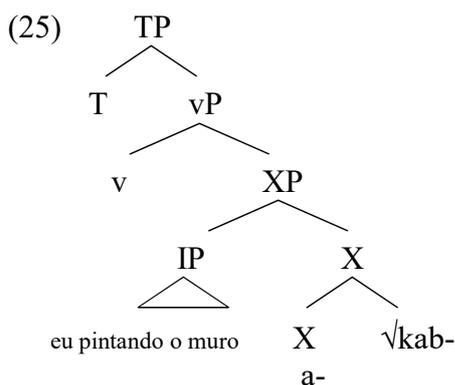
A anexação do nó de flexão T acima de vP vai estabelecer, no final das contas, a relação entre o tempo do evento *e*, ou de uma subparte sua, conforme a expressão em (24), e o tempo em que a frase é dita (*speech time*). Em (20), *v* é semanticamente nulo (podemos imaginar um alossema nulo de *v*, conforme a proposta de MARANTZ, 2013) – ou seja, não introduz nenhuma função semântica. Por ser semanticamente nulo, não admite a possibilidade de anexação do núcleo Voz acima dele (ver XXXXX, 2019¹⁶), o que explica a natureza estrita de alçamento do verbo *acabar* neste contexto.

Em (19) pelo menos parte do evento de pintar o muro está no passado, o que pode ser expresso como $t < t_s$, onde t_s é o tempo em que a frase é emitida. Essa formulação abre espaço para que *t* seja o tempo do evento *e* inteiro, e, nesse caso, todo o *e*, incluindo sua culminação, está no passado em relação ao tempo da fala na sentença (19); mas também abre espaço para que *t* não inclua o tempo da culminação de *e*, colocando-a após o *speech time* em (19). E essa é uma leitura possível de (19). Suponha-se a seguinte situação. Eu vivia dizendo a todos que não tinha tempo para pintar o muro da minha casa, mas que precisava fazê-lo. Certo dia, um vizinho me vê pintando o muro. Ele pergunta, ironicamente: *Conseguiu um tempo na sua agenda?* Eu respondo: *É. Minha mulher insistiu tanto que eu acabei pintando o muro.* Aqui, o evento de pintar o muro ainda está em andamento no momento da emissão da frase (talvez eu mal o tenha começado). Isso quer dizer, em nossos termos, que o tempo do subevento, contextualmente definido, do evento de pintar o muro não inclui o tempo da culminação de *e*, e a sentença é perfeitamente compatível com a situação em questão¹⁷. Nas definições acima, *t* ser o tempo do evento inteiro ou de uma parte dele depende de fatores contextuais e fatores semânticos, relacionados estes a propriedades acionais do predicado presente na oração gerundiva.

Com o acréscimo do núcleo T, (20) torna-se (25). Traduzindo em termos formais o que está descrito nos parágrafos anteriores, temos a expressão em (26).

¹⁶ Basicamente, a ideia é que o argumento eventivo do núcleo Voz (que, entre outras funções, introduz o argumento externo sentencial; cf. KRATZER, 1996) ou se identifica com o argumento de evento introduzido por *v*, ou estabelece uma relação de causalidade com ele (XXXXX, 2018b). Como *v*, na estrutura (25), não introduz evento nenhum, e o que chegaria a um núcleo Voz anexado acima de vP seria uma função de tempos, não de eventos, nenhuma das duas relações pode ser estabelecida, e Voz não é licenciado na estrutura.

¹⁷ Note-se que uma resposta como: *minha mulher insistiu tanto que acabou que eu pintei o muro* seria menos adequada ao contexto, pois tem uma implicação muito mais forte de que a pintura já está concluída no momento em que eu digo a frase.



(26) $[[TP]] = 1$ sse $\exists t. \exists t'. \exists e. \exists S. \exists s'. s'$ é a menor subeventualidade final de S & t' é o tempo de s' & [eu pintar o muro](e) & t é o tempo de e ou de algum subevento de e & $t' \subseteq t$ & $t < t_s$.

Ou seja, a sentença *eu acabei pintando o muro* é verdadeira se e somente se existe um evento e , o evento em que eu pinto o muro; existe um tempo t , que é o tempo de pelo menos uma subparte do evento durativo que é pintar o muro; existe um superevento S, conforme a definição em (14); existe um subevento de S, s' , que é o menor subevento final de S (ou seja, afirma-se que o superevento S, por mais heterogêneo que possa ser, culmina); existe um tempo t' , que é o tempo de s' , e o tempo t' está contido no tempo t (ou seja, o tempo do menor subevento final de S, sua culminação, está contido no tempo de pelo menos uma subparte do evento e de pintar o muro) e o tempo t é anterior ao tempo em que a frase é dita. E, considerando a definição de S em (14) e as relações temporais aqui estabelecidas, temos como consequência que a culminação de S, s' , está contida em, ou coincide com, o subevento relevante da pintura do muro estabelecido pelo contexto (considerando o contexto descrito acima, em que meu vizinho me faz uma pergunta, s' será o que chamarei imprecisamente de subevento inicial da pintura).

Para concluir a discussão sobre as formas *acabar*+gerúndio, duas coisas ainda devem ser ditas. A primeira é que a quantificação existencial do evento S nas condições de verdade de sentenças que incluem *acabar*+gerúndio (por exemplo, a sentença (19) e suas condições de verdade em (26)) pode estabelecer uma relação com outras quantificações presentes na frase. Por exemplo, retomemos duas sentenças apresentadas em XXXXX (2018a):

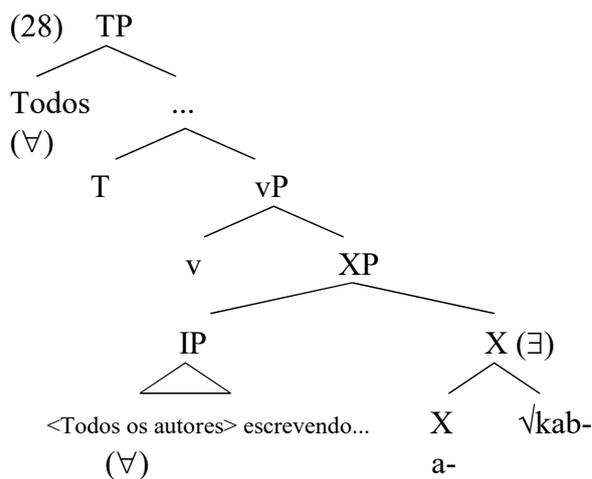
- (27) a. Sempre que eu encontro o Paulo, acabamos nos divertindo muito.
 b. Todos os autores acabaram escrevendo um artigo.

Simplificando bastante a discussão, parece claro que, em (27a), para toda ocasião em que eu encontro Paulo (ou seja, para todo evento e de encontrar o Paulo), *existe* um superevento S diferente que culmina em nós nos divertindo muito. Aqui, o quantificador universal que atua sobre o evento de encontrar o Paulo (o “para todo evento e ”, que está relacionado ao advérbio *sempre* na primeira oração) tem escopo sobre o quantificador existencial que atua sobre o evento S e é introduzido por X.

Similarmente, as duas leituras de (27b) – uma em que existe uma única supereventualidade S comum a todos os eventos de escrever um artigo e outra em que existem várias supereventualidades S, uma para cada escritura de artigo¹⁸ – podem ser obtidas por uma relação de escopo entre o quantificador universal em *todos os autores* e a quantificação

¹⁸ Note-se que essa ambiguidade também pode ser encarada como mais uma evidência de que o verbo *acabar* aqui é de alçamento (cf. LANDAU, 2013). A mesma ambiguidade de escopo seria encontrada em *todos os autores acabaram por escrever um artigo*.

existencial introduzida por X, conforme a definição (15). Note-se que a segunda leitura mencionada acima, aquela em que existe um S diferente para cada autor e evento de escrever um artigo, é obtida quando o quantificador universal tem escopo amplo; ou seja, em termos sintáticos, quando o DP *todos os autores* (ou pelo menos o quantificador *todos*) c-comanda X em LF. Mas e a primeira leitura? Como obtê-la? Devemos mover a quantificação existencial sobre S para uma posição mais alta na estrutura sintática, como foi proposto em XXXXX (2018a)? Mas como, se a supereventualidade S está sendo introduzida por X? X será alçado? Não me parece impossível pensar nesses termos, mas há pelo menos duas saídas melhores. A primeira é a seguinte: note-se que X c-comanda assimetricamente *todos os autores* na estrutura (28) abaixo antes de o DP *todos os autores* mover-se para posições mais altas na estrutura sintática da sentença. Se a interpretação se der sobre a posição de partida do sujeito da sentença (sobre sua cópia mais baixa, se assumirmos uma teoria de movimento com cópias), o constituinte X, que introduz o existencial sobre S, terá escopo sobre o constituinte *todos os autores*, ou seja, o existencial terá escopo sobre o universal e obtemos a leitura em que existe uma única eventualidade S para todos os eventos de escrever um artigo. A segunda saída é pensar que a leitura em que o universal tem escopo sobre o existencial não implica que todos os eventos S sejam diferentes. No limite, todos poderiam ser o mesmo, e teríamos um só evento S mesmo na situação em que a quantificação universal tem escopo sobre a quantificação existencial.



Seja qual for a solução que adotemos para tratar da ambiguidade do exemplo (27b), os pontos importantes de toda a discussão envolvendo os exemplos (27) que gostaria de destacar são os seguintes: (a) uma quantificação existencial sobre o superevento S, como a oferecida pela definição (15), é importante para explicar as diversas relações com outros quantificadores eventualmente presentes nas sentenças do tipo *acabar*+gerúndio (e outras com interpretação semelhante); (b) não é necessário, como proposto em XXXXX (2018a), que a supereventualidade S seja introduzida por um constituinte nominal, para que diferentes relações de escopo entre quantificadores sejam capturáveis.

O segundo ponto de que gostaria de tratar para encerrar, neste artigo, a discussão sobre as formas *acabar*+gerúndio é o seguinte. Em XXXXX (2018a) mostrei que praticamente qualquer tempo verbal pode ser expresso pelo verbo *acabar* nas construções *acabar*+gerúndio. Mas a forma progressiva para o verbo *acabar* é proibida:

(29) ?*Eu estou acabando pintando o muro.

Por quê?

Não vou discutir a solução dada em XXXXX (2018a) para o problema, que é incompatível com a abordagem aqui proposta. A solução que apresentarei aqui é mais simples.

Sabemos que o tempo progressivo nos diz que pelo menos uma subparte do tempo do evento denotado pelo predicado inclui algum outro tempo. Isso quer dizer que, no caso da sentença agramatical abaixo (30a), temos uma situação estranha em que o tempo do evento de *pintar o muro* inclui outro tempo, que não é de evento nenhum, o qual inclui o tempo da emissão da frase. Temos então uma espécie de relação de inclusão vácuca, e isso torna, proponho aqui, a sentença inaceitável. Note-se que não é o fato de termos dois gerúndios na estrutura temporal associada a um mesmo evento (ou alguma restrição morfológica qualquer) o que faz com que a sentença seja agramatical. Em (30b) os dois gerúndios são licenciados numa mesma estrutura temporal, justamente porque aqui não temos uma inclusão vácuca: o gerúndio no verbo *estar* simplesmente denota simultaneidade com um tempo de referência (e define um tempo de referência), o qual o tempo do evento de *fazer trabalho de campo* conterà.

(30) a. *Pedro está estando pintando o muro.

b. “(...) é importante que, mesmo estando fazendo trabalho de campo, ele se comporte como um observador externo; etc.¹⁹”

Em (29) também temos dois gerúndios sobre o tempo do mesmo evento: em (24) é a função do tempo do evento da oração gerundiva que fica disponível para os operadores temporais/aspectuais do nó T. Mas, em (29), a sentença não é agramatical porque há uma inclusão vácuca – que não existe –, mas porque, com o gerúndio no verbo *acabar*, forja-se uma situação em que a relação entre o tempo do subevento final de S e o *speech time* não pode ser definida, uma vez que t , o tempo do evento, inclui tanto t' , o tempo de s' , quanto o tempo da emissão da sentença, t_s , e não fica estabelecida nenhuma relação entre os dois últimos. Ou seja, a relação entre o tempo do subevento de pintar o muro no qual S culmina e o *speech time* não se estabelece, e t' pode preceder, incluir ou mesmo suceder t_s . A expressão em (31) o mostra:

(31) ?*Eu estou acabando pintando o muro ($t' \subseteq t$ e $t_s \subseteq t$).

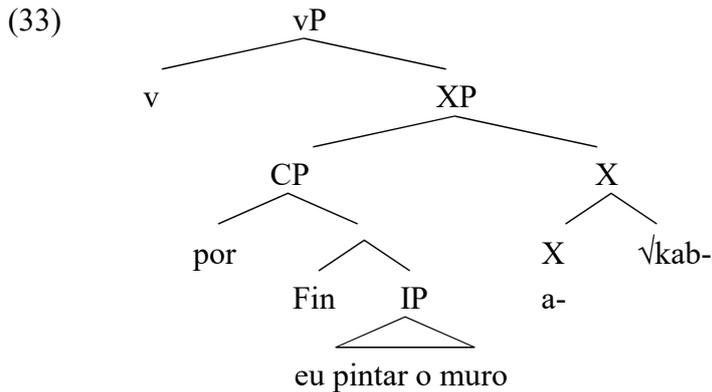
Mais adiante veremos que quando essa relação é definida, como o será quando o verbo *acabar* estiver no progressivo na construção *acabar+por+infinitivo*, a sentença é aceitável.

3.2 Das formas *acabar+por+infinitivo*

Conforme discussão da seção 1, a estrutura sintática das formas *acabar+por+infinitivo* será a dada por (12), repetida abaixo como (33) para conforto do leitor. Note-se que o núcleo X toma como complemento não mais um sintagma flexional desprovido da camada CP, mas um CP (expandido) encabeçado pela preposição *por*. Abaixo, repito a sentença (1c) como (32).

(32) Eu acabei por pintar o muro.

¹⁹Extraído de: https://dex.descomplica.com.br/enem/sociologia/extensivo-enem-antropologia/explicacao/1?utm_source=material-apoio&utm_medium=pdf&utm_campaign=sociologia&utm_term=conceitos-sobre-cultura. Em 04/06/2019.



A primeira pergunta que devemos nos fazer é: qual é a relação temporal (se há) entre o infinitivo e o os outros tempos expressos na sentença?

Vimos na primeira seção deste artigo que o infinitivo aqui pode compor com um particípio, como no exemplo (11a), repetido abaixo em (34). Neste exemplo, o tempo do evento de fazer o treino está concluído num passado em relação ao tempo da fala.

(34) No final, acabei por ter feito um treino de mais de 31 km.

Mas não é só isso. É como se o falante transladasse o tempo do subevento final de S para depois do evento de fazer o treino. O estado resultante de *fazer um treino de mais de 31 quilômetros* é a matéria relevante aqui, e S (um conjunto de circunstância, eventos e estados, inclusive internos ao autor da frase, como suas disposições físicas e psicológicas durante a corrida) culminou em o falante ter feito um treino de mais de 31 quilômetros²⁰, mas não no evento em si.

Isso quer dizer que o infinitivo seguido de particípio localiza o evento inteiro de fazer um treino de mais de 31 quilômetros antes do subevento final de S – e no passado em relação ao tempo da fala em (34). Mas, se seguíssemos a lógica adotada para a oração gerundiva, que disponibilizava o tempo do evento da oração gerundiva para a função T, teríamos o seguinte problema: no exemplo (34) teríamos o evento de fazer o treino no passado, mas não garantiríamos que a culminação do evento S também estaria no passado, pois a única coisa que a sentença afirmaria seria que o tempo da culminação de S é posterior ao tempo do evento da oração encaixada – este, sim, no passado. Para que fiquem mais claras as relações temporais de que estamos tratando aqui, e retomando os rótulos até agora adotados (t = tempo do evento da oração infinitiva/gerundiva; t' = tempo de s' , o evento de culminação de S; t_s = *speech time* ou tempo da fala), a fórmula a seguir resume o que está dito neste parágrafo sobre a interpretação que seria gerada se a função de tempo do evento veiculado pela oração infinitiva/participial ficasse disponível para os operadores temporais do nó sintático T em (34):

(35) $t < t' \ \& \ t < t_s$

Ou seja, como nada se diz sobre a relação entre t' e t_s , poderíamos pensar que essa relação é qualquer uma, e, eventualmente, teríamos t_s precedendo t' – o que quer dizer que o tempo da culminação de S estaria no futuro em (34). Mas a sentença (34) afirma que o tempo de S, o que quer que S seja, é anterior ao tempo da fala. Como resolvemos esse problema?

Parece claro que a oração infinitiva em (34) tem um tempo ou aspecto próprios. No nosso formalismo, isso fará com que o evento da oração encaixada e seu tempo fiquem

²⁰ Ou, talvez, tenha culminado em algum tipo de percepção, por parte do falante, desse estado, como se o próprio estado pudesse ser interpretado como a sua percepção e disponibilizá-la como culminação para o evento S.

inacessíveis para as funções temporais introduzidas por T. Mas se t fica indisponível para T, o que fazer? Vou propor aqui que, ao contrário do que acontecia com as construções com gerúndio, XP será uma função do t' , o tempo de s' .

No exemplo (34), o infinitivo composto de passado introduz um existencial sobre o tempo do evento (e sobre o evento) de fazer um treino de mais de 31 quilômetros, e o relaciona temporalmente com o tempo do subevento final de S – posicionando aquele antes deste ($t < t'$). Com a quantificação existencial sobre o tempo do evento da oração infinitiva (fazer um treino de mais de 31 quilômetros), esse tempo (a variável relacionada) não mais fica disponível para T acima. Mas, como é necessário que XP veicule algum tempo (de evento), pois s' precisa ser localizado no tempo, a definição do CP será como (37) abaixo, em que o que fica disponível para T é uma função de tempo do subevento s' . Se T carregar o traço de passado, T colocará t' antes de t_s , e, assim, teremos as relações esperadas: $t < t' < t_s$.

A expressão da extensão do constituinte CP em (36) será dada por (37) abaixo:

(36) [_{CP} por eu ter feito um treino de mais de 31 quilômetros]

(37) [[CP]] = $\lambda f_{\langle i, t \rangle} . \lambda t' . \exists t . \exists e . f(t')$ & [eu fazer um treino de mais de 31 quilômetros](e) & t é o tempo da culminação²¹ de e & $t < t'$.

Combinando o constituinte X, cuja expressão é dada em (15), com o constituinte (37), temos o seguinte:

(38) [[CP]]([[X]]) = $\lambda t' . \exists t . \exists e . \exists S . \exists s' . s'$ é a menor subeventualidade final de S & t' é o tempo de s' & [eu fazer um treino de mais de 31 quilômetros](e) & t é o tempo da culminação de e & $t < t'$.

A expressão acima afirma que existe um evento e (aquele em que eu faço um treino de mais de 31 quilômetros); existe um tempo t da culminação desse evento; existe um superevento S, conforme a definição dada em (14), que culmina (ou seja, também existe um subevento final de S, s'); e o tempo t' de s' será posterior a t e estará no passado, no presente ou no futuro, a depender da flexão temporal que o verbo *acabar* tenha.

Dados a definição em (14), as relações temporais representadas em (38) e o fato de o evento e veiculado por CP ter um estado resultante (cf. PARSONS, 1990), que chamarei de s_r , a culminação de S, s' , será o s_r . E como já vimos, se T albergar o traço de passado, o tempo t' , que é o tempo do subevento final de S, será anterior ao tempo da fala, como queremos em (34) – e nas sentenças em que o verbo *acabar* esteja no passado.

Como agora lidar com sentenças como (32), em que não há informação temporal ou aspectual morfológicamente expressa na oração infinitiva? Proporei que ainda aqui o tempo do evento e o próprio evento são quantificados, e que o que fica disponível para T será mais uma vez a função do tempo de s' (a culminação de S). Aqui, o infinitivo não é puramente morfológico (como o é na leitura culminativa de *acabar+de+infinitivo*; cf. XXXXX, 2019) ou associado a um traço de anterioridade temporal que pode ser herdado de T (como ocorre com a leitura de recência de *acabar+de+infinitivo*; cf. XXXXX, 2019). Podemos pensar que *por* é um complementizador que, diferentemente do complementizador *de* nas construções *acabar+de+infinitivo*, seleciona uma estrutura temporal definida, não permitindo a transferência de traços de camadas mais altas, como o T principal. Proponho que, caso não haja, como ocorre em (32), expressão morfológica de aspecto ou tempo na oração infinitiva, como ocorre em (34), a relação entre o tempo da culminação de S e o tempo do evento e é a de

²¹ Com isso, damos conta da perfectividade, associada à morfologia do participio passado presente na frase.

continência ou identidade, como uma relação *default* que emerge da ausência de marcas temporais mais específicas (ideia inspirada em GIORGI; PIANESI, 1997, a respeito do presente do indicativo em várias línguas)²² – ou seja, exatamente como no caso do gerúndio, o tempo de algum subevento relevante de *e* incluirá ou coincidirá com o tempo de *s'*. Segue a definição semântica para os CPs *por DP V-ar DP*:

(40) $[[CP]] = \lambda f_{\langle i, t \rangle} . \lambda t' . \exists t . \exists e . f_T(t') \ \& \ [DP \ V \ (DP) \ (PP)](e) \ \& \ t \ \text{é o tempo de algum subevento de } e \ \& \ t' \subseteq t$.

Para o exemplo (32), teremos o seguinte:

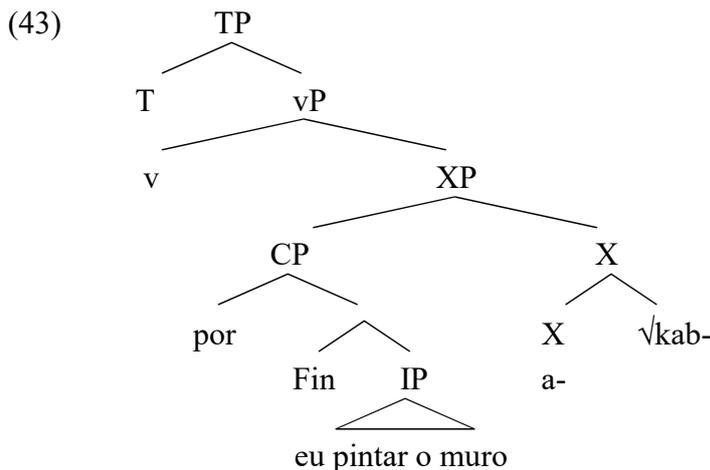
(41) $[[\text{por eu pintar o muro}]] = \lambda f_{\langle i, t \rangle} . \lambda t' . \exists t . \exists e . f_T(t') \ \& \ [\text{eu pintar o muro}](e) \ \& \ t \ \text{é o tempo de algum subevento de } e \ \& \ t' \subseteq t$.

A expressão formal da extensão do CP aqui é quase idêntica à expressão formal da extensão da oração gerundiva na outra construção (compare-se com (22) acima). Há somente uma diferença: a função de tempo que ficará disponível para o nó T será a do tempo do evento *s'*, não a do evento veiculado pela oração encaixada. No final das contas, essa diferença não parece caracterizar nada de realmente distinto entre as definições dadas em (40) e (22), mas, como se verá, ela explica a maior aceitabilidade do tempo progressivo no verbo *acabar* na construção sob análise nesta seção, além de assimetrias nos julgamentos de sentenças com negação sobre o verbo *acabar*, como veremos mais adiante.

Ao combinarmos X com o CP definido em (41), temos a seguinte expressão:

(42) $[[XP]] = [[\text{por eu pintar o muro}]]([X]) = \lambda t' . \exists t . \exists e . \exists S . \exists s' . s' \ \text{é a menor subeventualidade final de } S \ \& \ t' \ \text{é o tempo de } s' \ \& \ [\text{eu pintar o muro}](e) \ \& \ t \ \text{é o tempo de pelo menos um subevento de } e \ \& \ t' \subseteq t$.

Quando à estrutura se anexa o tempo passado, em T, temos o seguinte, adotando o mesmo raciocínio que usamos para desenvolver o cálculo com a oração gerundiva:



(44) $[[TP]] = 1 \ \text{sse} \ \exists t . \exists t' . \exists e . \exists S . \exists s' . s' \ \text{é a menor subeventualidade final de } S \ \& \ t' \ \text{é o tempo de } s' \ \& \ [\text{eu pintar o muro}](e) \ \& \ t \ \text{é o tempo de pelo menos um subevento de } e \ \& \ t' \subseteq t \ \& \ t' < t_s$.

²² Note-se que no português europeu o tempo progressivo envolve uma preposição e um verbo no infinitivo: *Pedro está a caminhar na calçada agora*.

As condições de verdade em (44), combinadas com a definição em (14), nos dizem, *grosso modo*, que S culmina no evento de pintar o muro do qual eu sou o agente, e que essa culminação se deu no passado, e que alguma subparte da pintura é a culminação de S – a qual, por conseguinte, também estará no passado. Vemos, ainda, em (44), que, na frase (32), S estará todo no passado, mas não necessariamente a culminação (quando ela existe) de *e*. As condições de verdade em (44) são perfeitamente compatíveis com as condições de verdade que atribuímos, com efeito, a (32): para *eu acabei por pintar o muro*, jamais o significado pode ser tal que o evento S está no passado, mas (todo) o evento de pintar o muro está no futuro, um futuro em relação ao *speech time*, como mostra o exemplo (45) abaixo; ou que o evento de pintar o muro esteja todo num passado anterior ao tempo de *s'*, a culminação de S (caso em que S culmina no estado resultante da pintura do muro).

(45) *Eu acabei por pintar o muro daqui a pouco.

Em (45), a expressão *daqui a pouco* toma o início do evento de pintar o muro e o coloca num futuro em relação ao *speech time*. Mas isso entra em contradição com a presença da morfologia de passado no verbo *acabar*, que, segundo nossa proposta, coloca, indiretamente, pelo menos uma parte ou subevento do evento de pintar o muro no passado em relação ao tempo da fala. Ou seja, a proposta corretamente prevê que (45) será agramatical.

As condições de verdade acima tampouco nos dizem que a culminação do evento *e* esteja necessariamente no passado, como de fato ocorre com (32) em alguns contextos.

Para concluir a discussão sobre as formas *acabar+por+infinitivo*, gostaria de discutir as situações em que o verbo *acabar* ocorre no tempo progressivo, como vemos em (46a) e (46b). Na primeira temos uma leitura em que *desabafar para você* está em andamento no t_s ($t_s \subseteq t' \subseteq t$); na segunda, temos interpretação iterativa do evento de pintar o muro (e do evento S)²³:

(46) a. “(...) uma confusão, jogam lixo onde eu passo com o carro, enfim estou acabando por desabafar pra você também, pense muito bem”²⁴.

b. Eu estou acabando por pintar o muro um pouquinho a cada dia.

c. ?*Eu estou acabando pintando o muro.

Como explicar esses fatos? A proposta acima é capaz de fazê-lo. Veja-se que (46c) seria inaceitável porque não se estabelece uma relação explícita entre o tempo da culminação de S e o tempo da emissão da sentença (cf. seção 2.1). O mesmo problema não ocorre em (46a) e (46b), pois nesses casos o tempo da culminação tem uma relação clara com o *speech time* (a relação de continência) – e, como o tempo do subevento relevante de *e* contém ou coincide com o de *s'*, o evento *e* também está ancorado ao t_s .

3.3 Das formas *acabar+CP finito*

Nesta seção, tratarei de exemplos como:

²³ A leitura iterativa me parece melhorar um pouco a sentença abaixo, que inclui dois gerúndios. Não sei por que isso ocorre.

i. ??Eu estou acabando pintando o muro um pouquinho a cada dia.

²⁴ Extraído de <https://www.casamentos.com.br/forum/morando-nos-fundos-da-casa-da-sogra--t84281--5>. Em 04/06/2019.

(47) Acabou que eu escrevi o artigo.

Note-se que o evento denotado pela oração subordinada em (47) tem uma relação temporal com o *speech time* que é independente do tempo indicado pela flexão do verbo *acabar* (necessariamente eu escrevi o artigo antes do *speech time*). Os exemplos abaixo nos mostram também que formas compostas para o verbo *acabar*, principalmente as que envolvem particípio passado, são de modo geral bem mais degradadas do que as formas simples. Em todos os casos, mais uma vez, o tempo veiculado pela oração subordinada tem uma relação bem definida e direta com o tempo da emissão da frase, sem que essa relação dependa em alguma medida da complexidade da expressão temporal do verbo *acabar*. Vejamos:

- (48) a. Acabou que eu escrevi o artigo.
b. Acabou que eu vou escrever o artigo.
c. Acabou que eu tinha escrito o artigo.
d. Acabou que eu estou escrevendo o artigo.
e. Acaba que eu escrevi o artigo.
f. Acaba que eu vou escrever o artigo.
g. Acaba que eu tinha escrito o artigo.
h. Acaba que eu estou escrevendo o artigo.
i. ?Vai acabar que ele (já) escreveu o artigo.
j. Vai acabar que ele vai escrever o artigo.
k. ??Vai acabar que ele está escrevendo o artigo.
l. ?*Tinha acabado que ele escreveu o artigo.
m. *Tinha acabado que ele está escrevendo o artigo.
n. *Tinha acabado que ele vai escrever o artigo.
o. ?*Tinha acabado que ele ia escrever o artigo.
p. ?*Acabava que ele escreveu o artigo.
q. ?*Acabava que ele ia escrever o artigo.
r. *Está acabando que ele ia/vai escrever o artigo.
s. ??Está acabando que ele está escrevendo o artigo.
t. ??Está acabando que ele vai escrever o artigo.
u. *Está acabando que ele escreveu o artigo.

Os dados mostram que posso colocar o verbo *acabar* no pretérito perfeito e o verbo da oração subordinada no mais-que-perfeito composto, no progressivo, no presente (*acabou que, hoje, eu escrevo artigos*), no futuro, etc. O mesmo vale quando o verbo *acabar* está no presente do indicativo.

Quando colocamos o verbo *acabar* em algum tempo composto, as formas passam a ser menos aceitáveis – frequentemente inaceitáveis. O fato de isso acontecer não é claro para mim, e não vou, neste artigo, tratar disso; discutirei somente as sentenças com formas temporais simples para o verbo *acabar*, tratando das relações temporais expressas entre o tempo da culminação de S e o tempo dos eventos expressos pelas orações subordinadas.

Considerando toda a discussão precedente, a questão que se coloca é: como deve ser a extensão dos CPs finitos nessas sentenças? É esperado que ela não seja muito diferente da extensão desses mesmos CPs em outros contextos – digo, contextos de subordinação, como na sentença *Maria acredita que Pedro vai à festa hoje à noite*.

Para preservarmos o máximo possível da discussão anterior, mantenhamos a extensão do constituinte X dada em (15), repetida abaixo como (49):

(49) $[[X]] = \lambda t'. \exists S. \exists s'. s'$ é a menor subeventualidade final de S & t' é o tempo de s' .

Proponho que a extensão do CP inclua a extensão do TP dentro dele, calculada composicionalmente, com o ancoramento do tempo da sentença ao *speech time*; mas proponho também que a extensão do CP tenha, como domínio, funções temporais, e devolva, como imagem, funções de tempo (como foi feito com o CP estudado anteriormente, encabeçado pela preposição *por*). Contudo esse CP não envolverá uma relação direta entre o tempo de S ou s' e o tempo do evento da oração subordinada, que já está ancorado no tempo da fala. Quaisquer restrições que existam serão estabelecidas por alguma plausibilidade associada ao nosso conhecimento de mundo, considerando a definição dada em (14) para S. Tomemos, como ilustração, a sentença (48a), cujo CP subordinado é *que eu escrevi o artigo*. Neste caso, considerando o que foi dito acima, proponho que a extensão de CP seja:

(50) $[[\text{que eu escrevi o artigo}]] = \lambda f_{\langle i, t \rangle}. \lambda t'. \exists t. \exists e. f(t') \ \& \ [\text{eu escrever o artigo}](e) \ \& \ t \text{ é o tempo de } e \ \& \ t < t_s.$

Aqui não há relação direta entre o tempo da culminação de S e o tempo do evento e de escrever o artigo na extensão oferecida em (50): não há, em (50), uma relação entre t' e os outros tempos expressos na expressão, t e t_s . A única relação entre S e e será a dada pela definição (14): S de alguma forma força (mesmo que indiretamente) a existência de e ou do estado resultante de e , o que colocará S antecedendo ou o evento e ou seu estado resultante.

Quando combinamos (50) com (49) via aplicação funcional temos:

(51) $[[\text{CP}]]([[X]]) = \lambda t'. \exists t. \exists e. \exists S. \exists s'. s'$ é a menor subeventualidade final de S & t' é o tempo de s' & $[\text{eu escrever o artigo}](e) \ \& \ t \text{ é o tempo de } e \ \& \ t < t_s.$

E com a anexação do nó T à estrutura, um nó que alberga o traço de passado em (48a), a relação entre t' e o *speech time* (t_s) é estabelecida, conforme vemos em (52), na parte em negrito:

(52) $[[\text{TP}]] = 1 \text{ sse } \exists t'. \exists t. \exists e. \exists S. \exists s'. s'$ é a menor subeventualidade final de S & t' é o tempo de s' & $[\text{eu escrever o artigo}](e) \ \& \ t \text{ é o tempo de } e \ \& \ t < t_s \ \& \ t' < t_s.$

Traduzindo a expressão lógica em (52): *acabou que eu escrevi o artigo* será verdadeira se e somente se existe um tempo t' , que é o tempo da culminação de S; existe um tempo t , que é o tempo do evento e ; existem os eventos e , de escrever o artigo cujo agente sou eu, S, conforme definição em (14) e seu subevento final, s' ; e o evento de *escrever o artigo* ocorreu antes do *speech time* (t_s) e o s' também ocorreu antes do t_s . Pela definição (14), s' será ou um subevento do evento de escrever o artigo, ou o estado resultante de escrever o artigo ou virá antes do evento de escrever o artigo, pois, como está na definição, S também pode culminar em um evento e' que causa o evento e ²⁵.

Note-se que não há relação direta entre t e t' , não se estabelece que a culminação de S se dá antes ou depois do evento e . Proponho aqui que as relações entre os tempos envolvidos e o *speech time* combinadas com propriedades do contexto preencham essa lacuna.

²⁵ Essa situação de “causação indireta” fica mais clara em (i) abaixo, onde o evento S culmina em um evento e' , possivelmente uma tomada de decisão, que causa o evento e , de escrever o artigo. O evento e' não fica expresso diretamente na extensão da expressão, mas a causação indireta é prevista na definição (14) de S, e esse evento e' pode ser contextualmente recuperável ou suposto.

(i) Acabou que eu vou escrever o artigo.

Dado que S culmina em *e* ou em seu estado resultante, ou culmina em um evento *e'* que causa *e*, conforme definição em (14), a interpretação *default* é a que *s'* ocorre ou antes de *e* ou ao longo de *e* ou após *e* – e essas são interpretações possíveis da sentença. Assim, os casos em que o tempo associado ao *s'* esteja num passado em relação ao *t_s*, mas o evento da oração subordinada esteja no futuro, como (48b), serão logicamente possíveis e aceitáveis. Mas haverá também casos em que a culminação de S ocorre depois de *e*, sendo S, portanto, a causa ou culminando no estado resultante de *e*. Considere o seguinte contexto:

Um editor me pediu um artigo, com um tema específico, com um prazo bem curto, pedindo desculpas. Eu digo: *Que sorte. Acabou que eu já escrevi (ou já tinha escrito) esse artigo que você está me pedindo. Ele estava guardado, mas já está pronto. Dou uma formatada e te mando ainda hoje.*

Aqui, o evento todo de escrever o artigo está localizado antes da culminação de S, considerando que S termina (ou culmina) num ponto do passado recente, talvez se confunda com o próprio pedido do editor. No contexto, esse pedido do editor de fato “cria” o estado resultante do evento de escrevê-lo, sua própria existência, se entendermos a existência do texto enquanto artigo como algo resultante tanto de sua escritura como do convite para publicação. Assim, a culminação de S estaria no futuro em relação ao evento de escrever o artigo.

4 Um brevíssimo comentário sobre a negação

Em qualquer das três formas estudadas neste artigo, a negação não pode ocorrer ou é muito marginalmente aceita junto ao verbo principal, como vemos nos exemplos a seguir:

- (53) a. ??Eu não acabei pintando o muro.
b. ?*Eu não acabei por pintar o muro.
c. *Não acabou que eu pinte o muro.

As sentenças acima nos mostram que a negação não pode incidir sobre o evento S, o que parece plausível, dados a natureza vaga e contextualmente definida desse evento e o fato de que nessas sentenças o evento da subordinada depende crucialmente de S para acontecer.

Mas há uma assimetria nos meus julgamentos de aceitabilidade entre (53a) e as outras duas sentenças. Por quê? Como vimos antes, nas formas *acabar*+gerúndio, é o tempo do evento da oração subordinada que fica disponível ao ancoramento ao tempo da fala, não o tempo da culminação de S. Em (53b) e (53c) é o tempo da culminação de S que se ancora em T. Ora, sabemos que a negação é perfeitamente aceitável na oração subordinada, como vemos em (54), justamente porque, aqui, ela não incide sobre S, mas sobre o evento mais encaixado:

- (54) a. Eu acabei não pintando o muro.
b. Eu acabei por não pintar o muro.
c. Acabou que eu não pinte o muro.

Proponho, assim, que, pelo fato de o tempo do evento da oração subordinada ficar disponível para etapas mais altas da derivação na forma com o gerúndio, a negação anexada num ponto qualquer acima de XP poderia incidir sobre o evento da oração subordinada, não sobre a culminação de S, e por isso a negação prefixando o verbo *acabar* em (53a) é um pouco menos degradada do que nos outros exemplos em (53). O fato de (53a) continuar sendo degradada talvez tenha mera relação com o fato de que essa sentença expressaria o mesmo que (54a) expressa, mas criando alguma dificuldade quanto à identificação do evento sobre o qual a

negação incide. A assimetria notada nos exemplos (53) serve como evidência extra para a análise desenvolvida neste artigo.

5 Conclusões

À guisa de conclusão, gostaria de comentar duas coisas que julgo importantes. A primeira é que tanto a análise aqui desenvolvida como a análise encontrada em XXXXX (2019) não se baseiam na ideia de que o verbo *acabar* seja uma espécie de núcleo funcional, como defendem algumas análises de verbos aspectuais encontradas na literatura (e. g., FUKUDA, 2012). Apresento três razões para defender que o verbo *acabar*, em nenhum dos contextos analisados, é funcional: (a) ele tem estrutura morfológica complexa, com um prefixo e uma raiz (*kab-*) que ocorre em outros contextos lexicais (como o nome *cabo*, que indica extremidade ou ponto final, e o adjetivo *cabal*, que significa total ou definitivo); (b) ele assume diversos significados a depender do contexto sintático em que ocorre, significados que envolvem conhecimento de mundo²⁶, como a noção de recência temporal (XXXXX, 2019), contextualmente definida, ou a de série ou conjunto de eventos considerados contextualmente relevantes para outro evento; (c) ele, na leitura culminativa, introduz papel temático/aspectual próprio, de iniciador ou agente de um evento (XXXXX, 2019). Núcleos funcionais só atribuem papel temático/aspectual quando estão em uma relação sintática bem específica com alguma camada lexical e lhe servem de ponte para a atribuição deste papel. É o caso dos núcleos *v* (CHOMSKY, 1995) e *Voz* (KRATZER, 1996), cujos papéis são de fato definidos a depender da camada lexical VP com a qual eles se combinam, e do *relator* de Den Dikken (2005), que serve para criar uma predicação cujo papel atribuído ao “sujeito” será definido pela camada lexical tomada pelo *relator*. Ou seja, se o verbo *acabar* na leitura culminativa atribui um papel temático (iniciador ou agente), então ele não é funcional.

A segunda coisa que julgo importante ressaltar é que a abordagem adotada neste trabalho e em XXXXX (2019) para a representação do tempo descarta a ideia de que somente três noções temporais se relacionam na representação dos tempos dos verbos: um tempo do evento ou da situação, um tempo de referência ou tópico e um tempo da fala (e. g., HORNSTEIN, 1993; GIORGI; PIANESI, 1997; KLEIN, 1992; REICHENBACH, 1947). Trabalho, aqui, com a ideia de que relações temporais podem ser introduzidas por funções específicas que podem tomar outras funções temporais, de maneira recursiva. Penso que essa é a melhor maneira de explicar relações temporais complexas como as que encontramos em frases como (55) a seguir (leitura de recência; cf. XXXXX, 2019), onde existe um intervalo contextualmente muito curto entre o tempo do evento de pintar o muro e o tempo de referência, que é o da chegada de Cláudio, o qual é anterior ao *speech time*. Ou seja, temos, aparentemente, uma relação entre quatro tempos: o tempo da situação ou evento (pintar o muro); um tempo de (contextualmente) curtíssima duração entre o tempo da situação e o tempo de referência; o tempo de referência (da chegada de Cláudio) e o *speech time*.

(55) Pedro tinha acabado de pintar o muro quando Cláudio chegou.

Agradecimento: Agradeço a Reberlei Bertucci pela leitura atenta e pelas sugestões de melhoria.

²⁶ Na Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997; 2013), arcabouço que sustenta esta análise, raízes têm seus conteúdos definidos pelo contexto sintático, através da enciclopédia, lista que relaciona raízes com conhecimento de mundo.

Referências bibliográficas

- BERTUCCI, R. A. *Uma análise semântica para verbos aspectuais em português brasileiro*. Tese (doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- DAVIES, W. D.; DUBINSKY, S. *The Grammar of Raising and Control – A Course in Syntactic Argumentation*. Blackwell Publishing, 2004.
- Den DIKKEN, M. *Relators and Linkers*. Cambridge Mass.: The MIT Press, 2005.
- FERREIRA, M. *Curso de Semântica Formal*. Language Science Press, 2019.
- FUKUDA, S. “Aspectual Verbs and Functional Heads: evidence from Japanese Aspectual Verbs”. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 30, p. 965-1026, 2012.
- GIORGI, A.; PIANESI, F. *Tense and Aspect: from Semantics to Morphosyntax*. Oxford University Press, 1998.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. “Distributed Morphology and the Pieces of Inflection”. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Orgs.). *The View from Building 20*. Cambridge: The MIT Press, p. 111-176, 1993.
- HEIM, I.; KRATZER, A. *Semantics in Generative Grammar*. Blackwell Publishing, 1998.
- KLEIN, W. “The Present Perfect Puzzle”. *Language*, Vol. 68, n. 3, p. 525-552, 1992.
- KRATZER, A. “Severing the External Argument from its Verb”. In: ROORYCK, J.; ZARING, L. (Orgs.). *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996. p. 109-137.
- LANDAU, I. *Control in Generative Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- MARANTZ, A. “No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon”. In: DIMITRIADIS, A.; SIEGEL, L. et al. (Orgs.) *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium*, University of Pennsylvania, v. 4, n. 2, 1997. p. 201-225.
- _____. “Locality Domains for Contextual Allomorphy across the Interfaces”. In: MATUSHANSKY, O.; MARANTZ, A. (Orgs.) *Distributed Morphology Today: Morphemes for Morris Halle*. Cambridge: The MIT Press, 2013. p. 95-116.
- XXXXX, 2018.
- XXXXX, 2018.
- XXXXX, 2019.
- PARSONS, T. *Events in the Semantics of English: A Study of Subatomic Semantics*. Cambridge: The MIT Press, 1990.
- REICHENBACH, H. *Elements of Symbolic Logic* (1947). Free Press, 1966.
- RIZZI, L. “The Fine Structure of the Left Periphery.” In: HAEGEMAN, L. (Org.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.
- STOWELL, T. “The Tense of Infinitives”. *Linguistic Inquiry*, v. 13, n. 3, p. 561-570, 1982.